

RELACIONES EXTERIORES

Defesa da Palestina e reunião em Washington

Em conversa com Trump, Lula pede que palestinos tenham assento no Conselho da Paz, criado pelo americano, mas não confirma a participação do Brasil no colegiado. Chefe do Executivo fará visita ao republicano em data a ser definida pelas equipes diplomáticas

» FERNANDA STRICKLAND

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva conversou por telefone, na manhã de ontem, com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sobre temas da agenda internacional. O chefe de Estado brasileiro sugeriu que a Palestina passe a ter um assento no chamado Conselho da Paz, criado pelo norte-americano. Ele argumentou que a inclusão da Palestina dará maior legitimidade às discussões e defendeu que o grupo tenha um escopo mais restrito, concentrando-se exclusivamente nas questões relacionadas à Faixa de Gaza.

Lula também confirmou que viajará a Washington para se encontrar com o republicano. A visita deve ocorrer após a ida do chefe do Executivo brasileiro à Índia e à Coreia do Sul em fevereiro. A data exata ainda será definida em breve pelas equipes diplomáticas.

O teor da conversa de ontem foi divulgado pelo Palácio do Planalto. Segundo o governo brasileiro, Lula aproveitou a ocasião para reforçar sua posição histórica em favor de uma reforma ampla da Organização das Nações Unidas (ONU). Ele voltou a defender a ampliação do número de países com assento permanente no Conselho de Segurança, como forma de tornar o órgão mais representativo da atual configuração geopolítica global.

O chefe do Executivo está entre os líderes internacionais convidados a integrar o Conselho da Paz, mas ainda não deu uma resposta ao convite. Na semana passada, durante um evento realizado em Salvador, ele manifestou publicamente reservas em relação à proposta. Na avaliação do presidente, a iniciativa de Trump pode resultar na criação de uma estrutura paralela à ONU, com o objetivo de concentrar maior poder político sob a liderança do governo norte-americano.

A ligação com Trump durou cerca de 50 minutos e tratou, também, de relações bilaterais e econômica. A conversa foi descrita por ambos como produtiva, com trocas de informações sobre indicadores econômicos que apontam perspectivas positivas para as duas maiores economias das Américas. Trump ressaltou que o crescimento econômico do Brasil e dos Estados Unidos traz benefícios para toda a região.

Os presidentes saudaram o bom relacionamento diplomático construído nos últimos meses, que já resultou na eliminação de parte

Ricardo Stuckert / PR



Presidente Lula enfatizou para Trump a importância da paz e da estabilidade regional, além do compromisso com o bem-estar dos venezuelanos

Memória

Dono do mundo

Na sexta-feira, o presidente Lula acusou o líder dos EUA, Donald Trump, de querer "ser dono" de uma "nova ONU" com a iniciativa do Conselho de Paz lançada em Davos pelo magnata republicano, que visa resolver conflitos globais.

Lula também afirmou que estava entrando em contato

"com todos os países do mundo" para "encontrar uma forma de se reunir" e defender o sistema multilateral.

Entre os líderes com quem disse ter conversado estão o russo Vladimir Putin, o indiano Narendra Modi e a mexicana Claudia Sheinbaum.

significativa das tarifas aplicadas a produtos brasileiros no mercado norte-americano — um ponto de encontro após meses de tensões no comércio bilateral.

Durante a ligação, Lula comentou uma proposta já encaminhada ao Departamento de Estado, que visa fortalecer a cooperação com os Estados Unidos no combate ao crime organizado, com foco em áreas como lavagem de dinheiro, tráfico de armas, congelamento de ativos de grupos criminosos e intercâmbio de dados sobre transações

financeiras. A ideia foi bem recebida por Trump, abrindo espaço para futuros acordos operacionais entre as equipes dos dois países.

No diálogo, Lula e Trump também trocaram impressões sobre a situação na Venezuela, com o líder brasileiro enfatizando a importância da paz e da estabilidade regional, além do compromisso com o bem-estar do povo venezuelano. A questão tem sido debatida em diversos fóruns internacionais e continua a ser um dos desafios políticos na diplomacia do hemisfério.

Pragmatismo

Segundo o cientista político Márcio Coimbra, CEO da Casa Política, ex-diretor da Apex-Brasil e do Senado Federal, a conversa foi marcada pelo pragmatismo em um contexto de Realpolitik por parte dos Estados Unidos. "O que vimos hoje (ontem) não foi um alinhamento ideológico, mas um pragmatismo econômico monumental, no qual Lula compreendeu que, no universo de Trump, a balança comercial precede qualquer valor democrático", explicou.

"O levantamento das tarifas sobre produtos brasileiros é a maior prova dessa 'vitória técnica' do Planalto, sinalizando que o Brasil aceitou jogar sob as regras do 'America First' para blindar seu agronegócio e sua indústria em um cenário global hostil e protecionista", afirmou Coimbra.

Na avaliação do cientista político, no campo da influência global, a proposta de Trump para um Conselho da Paz em Gaza, operando fora dos ritos da ONU, coloca o Brasil em uma encruzilhada histórica.

"Ao sugerir a inclusão da Palestina e focar na ajuda humanitária, Lula tenta 'civilizar' uma iniciativa unilateralista, buscando garantir ao Brasil um assento de relevância em um novo órgão que privilegia a eficácia sobre a legitimidade internacional", disse.

Coimbra pontuou, porém, que o risco inerente a esse movimento é o esvaziamento definitivo do Conselho de Segurança da ONU, trocando o sonho histórico brasileiro de um assento permanente por uma cadeira temporária em uma estrutura controlada diretamente por Washington.

"A questão venezuelana serve como o maior termômetro dessa mudança de postura brasileira. Apesar da indignação formal com a captura de Nicolás Maduro pelas forças norte-americanas, o fato de Lula ter focado o diálogo em comércio e segurança interna revela que o governo brasileiro reconhece a nova hierarquia de poder na região", frisou. "A retórica da soberania ferida deu lugar ao cálculo frio: o Brasil não pode se dar ao luxo de confrontar Trump

Saiba mais

Conselho da incerteza

O Conselho da Paz será formado por um grupo de países e submetido a um Conselho Executivo, também nomeado por Donald Trump, composto por amigos e até parentes, como o genro Jared Kushner. Para ter acesso, será preciso pagar uma taxa de US\$ 1 bilhão, segundo o documento elaborado pelos EUA. Trump também convidou Vladimir Putin, presidente da Rússia, para ser parte do Conselho, o que provocou críticas de governos da Europa. "Estamos preocupados com as notícias de que Putin poderia ser membro desse conselho", disse o porta-voz do primeiro-ministro britânico, Keir Starmer. "Ele não leva a paz a sério", disse. O presidente ucraniano, Volodimir Zelenski, afirmou que também foi convidado, mas que não se imagina participando ao lado de Putin.

por um regime vizinho em colapso enquanto precisa garantir exportações de aço e celulose. Há uma aceitação tácita de que Trump promoverá uma 'limpeza' regional, e o Brasil preferiu ser o interlocutor racional desse processo a ser um alvo colateral", completou.

Ele ressaltou ainda que o Brasil se posiciona agora como um Estado-pivô entre o bloco do Brics e a Casa Branca. A série de viagens programadas por Lula para a Ásia e depois para Washington sugere uma tentativa ambiciosa de atuar como o tradutor dos interesses do Sul Global para o temperamento volátil de Trump. O resultado dessa aproximação não é uma amizade, mas um gerenciamento de danos sofisticado", analisou. "Lula aceitou que a diplomacia em 2026 se faz com planilhas e balanças comerciais, consolidando o Brasil como o parceiro de conveniência necessário para manter a estabilidade econômica no continente, enquanto o mundo observa o desmonte do multilateralismo tradicional", acrescentou.

Acordo Mercosul-UE reduz vulnerabilidade, diz agência

Os efeitos potenciais do acordo entre Mercosul e União Europeia (UE) para a qualidade do perfil de crédito soberano do Brasil são limitados no curto prazo, em razão da contribuição modesta para o crescimento geral, avalia a Moody's, em relatório. Contudo, a agência de classificação de risco destaca que o acordo promove a diversificação das exportações para além da China e dos EUA, reduzindo a vulnerabilidade geopolítica, e apoia a entrada de investimento estrangeiro direto, particularmente no agronegócio e energia renovável (fatores estruturais para o crescimento do país).

Segundo a Moody's, o Brasil está apto a ser o maior beneficiário dentro do Mercosul,

dada a composição e a escala de suas exportações. A União Europeia representou cerca de 16% do comércio total do Mercosul em 2024 e, para o Brasil, os produtos agrícolas (carne bovina, aves, açúcar) e produtos minerais dominam as exportações para o bloco europeu. "As tarifas do Mercosul sobre alguns bens europeus são elevadas — chegando a até 35% para autopartes e 28% para laticínios —, de forma que sua eliminação gradual aumentará a competitividade e gerará economias", afirma.

No entanto, a agência destaca que as principais exportações do Brasil, como petróleo e produtos minerais, já estão sujeitas a tarifas baixas, com média de 0,5%.



Acordo Mercosul-UE foi assinado no último dia 17, no Paraguai

Diversificação

Para o perfil de crédito dos soberanos e setores-chave do Mercosul, o acordo com a União Europeia é positivo por apoiar o acesso aos mercados de exportação, o investimento e a diversificação comercial, avalia a Moody's, destacando que a UE já é a maior provedora de investimento estrangeiro na região do Mercosul.

Contudo, os benefícios de curto prazo são restritos por um processo prolongado de implementação e pelos desafios de ratificação, pondera a agência. O acordo também inclui requisitos de sustentabilidade, como o cumprimento das metas do Acordo de Paris.



As tarifas do Mercosul sobre alguns bens europeus são elevadas, de forma que sua eliminação gradual aumentará a competitividade e gerará economias"

Trecho da nota da Moody's